

o diabo veste prata...

... e lê a bíblia

Moa Sipriano

MOASIPRIANO.COM

Meu hálito ácido embaça a janela do meu quarto, enquanto meus dedos finos e trêmulos desenham corações trespassados por flechas famejantes disparadas pela Paixão. Em cada coração eu rabisco a inicial do seu nome. Vários “A” bem grandes, que nesta manhã cinzenta simbolizam tudo o que sinto por você: amor, admiração, alegria.

Andie, meu amor, onde está você? Minhas forças escorrem sorradeiras pelas solas dos meus pés descalços e imundos. Aprendi a ter horror da água fria. Não sinto mais vontade de limpar meu corpo. Mas forço-me a fazer o que tem de ser feito. Guardo a esperança de um recomeço.

Ouço a voz grave de um trovão ao longe. Imploro mentalmente ao “seu” Pedro que autorize o início do espetáculo. Quero ver através da janela diminuta as lágrimas de alegria dos anjos que muitos chamam de chuva. Adoro chuva e o grito viril do trovão.

Hoje é o meu único dia de descanso. Não há mais cultos, não há mais orações, não há sermões intermináveis e incompreensíveis. O diabo descansa às terças-feiras. Meus pais não invadem mais o meu quarto. Eu engano o mundo paralelo.

Aguardo com paciência e sou brindado com a visão das primeiras gotículas a salpicar o vidro fumê, e logo se transformam em uma cascata brilhante a tamborilar por toda casa. Deito na cama sem colchão, o estrado a marcar novamente as minhas costas largas, mas eu não ligo. Fecho os olhos, ouço a melodia chuvosa, separo mentalmente alguns lamentos de anjos em forma de cânticos que salgam a terra.

Vejo em meu mundo interior o seu sorriso que abranda minha dor eterna. A saudade sufocante trava minha garganta seca e mais uma vez forço-me a recordar o dia em que nos conhecemos. Eu não quero esquecer o primeiro dia mais feliz da minha vida.

Andie, Andie, meu amor. Tento sorrir, mas isso me causa um tremendo desconforto, pois já não possuo mais todos os dentes perolados que delineavam meu sorriso que um dia fora perfeito. Tenho vergonha, mesmo sozinho aqui neste quarto, de sorrir e sentir meu hálito acre se evair por entre as falhas da minha terceira dentição. Aquelas drogas minaram totalmente a minha saúde física. Tudo despencou em tão pouco tempo!

Lembro-me daquela tarde na porta do Arruda, quando nossos olhares se cruzaram pela primeira vez. Ah, Andie, bendita quadra de esportes. Bendito amistoso entre os times de basquete de nossas escolas. Apesar da surra que levamos do Paulo Mendes, o seu colégio de ricos, não posso negar que os meninos do Arruda deram o máximo na quadra. Dez pontos dolorosos separaram a nossa tentativa de vitória. Dez segundos foram suficientes para eu me apaixonar por você quando nos cruzamos na saída do colégio durante a rápida entrevista solicitada para o meu jornalzinho capenga.

O suor ainda escorrendo pelo seu corpo delgado, moreno, salgado. A sua boca proferindo palavras de êxtase pela vitória conquistada. O seu olhar da cor do mais puro mel a consumir o meu olhar tímido diante de tamanha beleza.

Dois mil anos podem passar e nunca vou me cansar de repetir que adorei o convite para o suco de laranja na cantina do “seu” Romeu. Dane-se a entrevista! Viva o primeiro passo!

Um suco, um sorriso, milhares de afinidades em perfeita sintonia. Vieram as pedaladas no Grande Parque aos domingos, os treinos de basquete toda quarta-feira...

Ah, ah, ah, recordo agora o dia em que você me ensinou (e eu aprendi!) aquele passo do ganso doido que tanto encantava as meninas ao ver o seu rebolado sensual. Hilário!

Os três primeiros meses da nossa união foram inesquecíveis, Andie. Amigos mais do que grudados, fazendo tudo juntos. Ah, Andie, meu amor, como eu adorava passar as noites de sexta na sua casa nas épocas de provas. Como eu amava lhe ensinar a Matemática, a Física e todos os conceitos da Química que você tanto odiava.

A primeira flor que ganhei na vida foi você quem me deu. Violetas na janela, que eram cuidadas como se fossem nossas filhas. E o dia do seu aniversário, você lembra? Eu, fantasiado de palhaço, junto com a Celina e a Patrícia de “coelhinhos parmalat”, invadindo a casa dos seus pais naquela noite chuvosa, carregando o enorme bolo de chocolate que minha mãe havia feito especialmente para a ocasião. Que pena que você era alérgico a cacau! Foram horas estrebuchados nas mais loucas gargalhadas.

Andie, não consigo controlar o agito do meu corpo e a torrente de lágrimas que despencam pelo meu rosto encovado. Me perdoe por ser tão fraco. Toco meus lábios rachados e doloridos. A droga do diabo que veste prata está acabando comigo. Ela não vai sair do meu corpo... nunca.

Ah, como eu queria sentir por alguns segundos novamente o meu primeiro beijo que troquei com você.

Andie, meu amor, eu queria sentir pela última vez o cheiro doce e quente exalado das suas narinas ofegantes, quando nos entregamos à união dos nossos corpos virgens. O abraço, o carinho, o beijo, o desejo. Não tivemos tempo suficiente para consumir o nosso amor. Meus pais tolheram o nosso contato, jogando-me para o homem que eles achavam, ingênuos, que libertaria a minha alma do meu único pecado insano: amar você.

Com o olhos inchados, recordo-me das minhas cartas que nunca chegaram ao seu destino. Os súditos do diabo perscrutavam nossa intimidade. Os fracos e os hipócritas dizem que é inútil ultrapassar certos limites. Mas eu tentei. De todas as maneiras possíveis.

Patrícia, a única pessoa não-família que chegou a me visitar no inferno, confirmou que minha mãe havia expulsado você da nossa comunidade. Agora eu compreendo que você nunca soube o que realmente aconteceu comigo depois daquela tarde quando meus pais descobriram a nossa relação.

Se eu pudesse voltar no tempo, Andie, eu jamais teria vacilado diante da Sorte, acreditando infantilmente que estávamos seguros na garagem de casa. Eu estava alucinado naquele momento. Tínhamos que conhecer nossos corpos, sentir nossos fluidos carnis e espirituais libertos da nossa virgindade. Eu queria não só as delícias recém descobertas do sexo, mas principalmente eu queria me entregar ao meu homem com a mente isenta de besteiras infundadas, com a alma preparada para viver plenamente a dádiva que Deus havia nos concedido: a benção do primeiro amor.

Andie, jamais esqueço o gosto do seu sexo em meus lábios. Jamais esqueço seu beijo carinhoso a demarcar as curvas das minhas nádegas outrora macias. Nossos corpos não transpiravam, não Andie... nossos corpos emanavam a cântaros a mais imaculada essência que resulta do amor de dois seres puros. O segredo da eterna juventude está no sexo feito com amor. Os alquimistas estavam errados.

Por mais que eu tente, Andie, minha mente insiste em bloquear os momentos terríveis que se seguiram. Vejo flashes do meu pai abrindo a porta da garagem. A luz do meio-dia queimando nossos corpos nus. Aquele olhar de ódio do meu pai, perfurando nossas peles úmidas. O tapa violento em seu rosto assustado, a separação abrupta dos nossos corpos. A correria para cobrir a nossa vergonha. Os gritos do velho homem. Você, um carinha de 16 anos, defendendo minha honra, encarando o monstro alucinado em que havia se transformado meu querido paizinho.

Andie, meu amor, a dor volta a dominar meu peito. Eu já passei essa maldita cena um milhão de vezes na minha cabeça deflorada. Nós não merecíamos ser tratados como animais. Não houve chance para o diálogo posterior. Você foi embora com o sangue escorrendo pela boca. Eu fui trancafiado numa jaula cinzenta sem direito a defesa. Mofei por dois dias neste meu antigo quarto perdido.

Então eles chegaram, Andie. Os pretos homens de preto. Dois armários empunhando uma corda com uma das mãos e a bíblia com a outra. Em nome de Deus eu fui jogado como um cão sarnento na traseira de um carro negro, fúnebre, aterrorizante. Minha mãe e meu pai oravam em voz alta, pedindo ao Senhor que me curasse do Grande Mal.

Eles, Andie, não foram “pais” naquela hora. Foram carrascos. Estavam cegos pela Ignorância. Entregaram sem piedade o seu único filho às garras do verdadeiro Mal: o diabo loiro que

vestia prata, sentado confortavelmente no banco de couro do carro importado, conferindo tranquilamente os cheques pré-datados que meu pai havia lhe dado para intermediar junto a Deus a limpeza da minha alma pecadora.

Depois de horas sacolejando no calabouço sobre rodas, na total escuridão, meu corpo entorpecido e dolorido sedou meus sentidos, forçando-me a cair num sono profundo. Acordei amarrado sobre uma cama de metal, onde o fino colchão de espuma não era suficiente para garantir o mínimo de conforto ao meu corpo exausto. Pontas de molas de ferro carcomiam a minha pele assustada.

Um dos Armários do Senhor adentrou o recinto, obrigando-me a engolir cápsulas de não-sei-o-que à seco, sem um copo de água sequer. Cinco minutos depois, o mundo girava velozmente ao meu redor. Foi aí que notei a grande porta de metal se abrindo, e no meio de uma luz azulada encoberta pelas Brumas de Avalon, vi o diabo em pessoa, empunhando o livro que eu julgava ser sagrado, berrando em alto e péssimo som o nome do meu Deus, afirmando que em poucos dias o pecado do filho de Sodoma ou Gomorra ou o seguidor da Madonna seria expurgado do meu corpo, transformando-me novamente num “homem normal”.

Eu ria, e chorava, *like a virgin* na cabeça. Veneza, bolo-de-noiva, *like a prayer*, ela é uma santa.

Apanhei na cara à golpes de bíblia. O Armário do Senhor segurava desnecessariamente os meus braços amarrados na cama de metal. E o diabo que vestia um terno cinza cintilante, prata na verdade, urrava palavras sem sentido, golpeando minhas faces com a escritura moralista. Apaguei.

Os dias foram passando, Andie. Isolado, vivendo à pão e água de torneira, perdi rapidamente o sentido da realidade. O Armário Preto vinha na parte da manhã e me entopia de drogas alucinógenas. No final da tarde, era vez do Armário Polaco me arrastar para um banheiro fétido, onde meu corpo era sacudido debaixo de gotículas de água fria e depois enxugado com um pedaço de pano que cheirava como chão de uma cozinha imunda.

De volta aos meus trapos cor-de-burro-quando-foge, eu era despejado num amplo salão, na companhia de outros transviados, e juntos assistíamos a um culto medonho, totalmente sem nexos, onde a pirotecnia das aparições do diabo que veste prata embasbacavam nossos sentidos amorfos.

Músicas no último volume. Microfone repleto de distorções. O nome do meu Deus era proferido setenta vezes por segundo e um vestival de “aleluias”, “glória deus”, “amém senhor” eram disparados a todo momento pelos pecadores sedados, que feito zumbis rogavam o perdão aos seus desatinos, como se amar um igual fosse o pior dos pecados do homem.

O pior momento, Andie, ainda estava por vir. Nos primeiros quinze dias de internação, descobri que minha família não podia me visitar, pois segundo o diabo que veste prata, os internos tinham que passar por um período de “adaptação” naquele lugar de aparência externa impecável.

No nono dia, eu caminhava a esmo pelo imenso jardim, segurando sem vontade um pequeno exemplar cinza do Novo Testamento (o único livro disponível para leitura de cada interno). Um novo Armário, denominado por mim de “armário red”, por causa dos cabelos cor de fogo, arrastou-me para uma “reunião particular” com o pastor-das-ovelhas-perdidas.

Antes de entrar na sala do Poderoso, Andie, fui delicadamente preparado para o encontro, sendo banhado decentemente com a ajuda de Armário Red no interior de um suntuoso banheiro só visto no cinema!

Mais cápsulas coloridas, agora despejadas goela abaixo com a divina refrescância de uma coca-cola estupidamente gelada, minha grogueira não tardou a chegar, galopante.

Trajando uma túnica branca e mais nada, Andie, entrei na grande sala e descansei meu corpo molenga por alguns segundos deitado num imenso sofá de couro macio.

Ele entrou, Andie, vestindo o indefectível terno cor cinza, que diante dos meus olhos alucinados, minúsculos pontos prateados pululavam nas ranhuras do tecido grosso, tornando a vestimenta luminosa. O diabo, Andie, realmente veste Prata!

Armário Red foi dispensado. A porta foi trancada. Uma voz feminina, suave, entoava hinos de louvor e descobri que o ruído aconchegante vinha de um sofisticado aparelho de som pendurado na parede.

O diabo abriu a bíblia, leu um versículo qualquer, que identifiquei ser de João. Ele fez um inexplicável sinal da cruz diante de mim e avançou em seguida para cima do meu corpo indefeso, sufocando com seu peso e força descomunal o resto da energia que eu ainda guardava dentro de mim.

O diabo, Andie, buscou meu beijo! Por mais que eu me debatesse, impedindo aquele ser de tocar com sua boca podre os lábios que haviam beijado o Amor, eu fui vencido pela violência.

Eu não podia acreditar naquilo. O diabo havia sido pago para tirar o pecado de mim, Andie. Tirar a ridícula porra do pecado, meu amor! E o que ele estava fazendo comigo ia totalmente contra os princípios da minha ignorante família!

Minha túnica fora rasgada, feita em pedaços como tiras de um papel vagabundo. Meu corpo nu foi sugado por completo por uma boca gulosa, sedenta de desejos e traições. Ele repetia e

repetia os malditos versículos hipócritas e continuava possuindo meu corpo indefeso. Eu gritava, Andie, e uma mão pesada sufocava a minha dor, asfixiando meu desespero. Não era para aquele homem que eu queria ceder meu corpo, Andie. Não era mesmo!

Eu não tive chance de defesa, meu amor. Eu não tive escolha. Eu me sentia o lixo, impuro, nojento, sem palavras para descrever o meu horror. Andie, perdoa-me!

Ele me penetrou, Andie. Ele tirou a minha virgindade à força. Ele destruiu a beleza da minha pureza que estava guardada para você, meu amor. O diabo infectou a minha inocência.

Três minutos, Andie, três malditos minutos e tudo estava acabado. A parte baixa do meu corpo estava destroçada e minha mente havia sido totalmente aniquilada numa única e maldita tacada à seco.

O diabo limpou seu gozo. A mulher de voz suave implorava para que eu aceitasse Jesus como meu único Salvador. Armário Red foi chamado ao toque de um botão laranja que despontava de uma caixa sobre a mesa de vidro do diabo. Algo foi injetado no meu braço esquerdo. Senti a ponta da agulha rasgando minha pele rosa. Chorei de dor, suspirei, dormi por três dias seguidos.

Era um sábado. Meus pais vieram me visitar. Caminhamos de mãos dadas (contra a minha vontade) pelo gramado bem cuidado do imenso jardim interno. Eu ouvia sem discutir os conselhos hipócritas e egoístas da minha mãe. Nada de perguntar o que se passava no meu interior. Nada de diálogo aberto sobre aquilo que eu havia descoberto de mais puro dentro de mim e estava disposto a viver plenamente, sem nenhuma restrição, junto daquele que eu havia escolhido para ser o meu amor. Você, Andie... é o meu amor... eternamente!

Minha mãe proferia as palavras do Senhor que não eram as verdadeiras Palavras do Senhor feito uma macaca treinada. Nem sei, Andie, como consegui suportar tanta besteira cutucando meus tímpanos sensíveis. Onde estava você? Você estava sofrendo tanto quanto eu?

Meu pai, Andie, por incrível que pareça, percebeu que havia algo de errado comigo, mas não teve coragem de ir mais a fundo. Ele sempre foi um covarde em tudo na vida.

Na reunião da minha família junto com o pastor-diabo que continuava vestindo o odioso terno prata brilhante (havia resquícios das drogas do café da manhã em meu corpo), tudo o que os velhos queriam ouvir fora lindamente proferido pelo homem que não era um ser humano.

Os “trabalhos de limpeza”, segundo o diabo, haviam sido executados com perfeição. E mais alguns dias de descanso e orações e sessões de exorcismo pirotécnico – claro que tudo devidamente acompanhado de mais dois cheques pré-datados –, seriam o suficiente para me transformar novamente num jovem sem pecado.

Entendi o jogo, Andie. Com uma dor lancinante no peito, enquanto meu pai assinava a porra do cheque número dois, retirei das profundezas do meu ser o sorriso mais falso e a cara mais melancólica que pude retribuir à minha mãe insensata. A encenação foi fechada com chave de platina, quando derramei algumas “lágrimas de arrependimento” pela minha viadagem explícita, prometendo através de um falso olhar fuzilando meus pais, que em breve eu iria voltar para casa, para os estudos e me tornaria um filho exemplar.

Quando eles partiram, Andie, o diabo me abraçou, cochichando em meu ouvido esquerdo: “Aprendeu rápido, meu rapaz. Agora você é um dos nossos”.

Os dias cinzentos continuaram a surgir diante do que restava de mim, sem que eu me desse conta dos valores morais da realidade.

Orações, cânticos e cultos com os transviados (Andie, eu estava tão absorto no meu sofrimento, que naqueles dias em que permaneci no inferno, nunca consegui conversar com ninguém igual a mim. Eu sinto muito por não ter sido útil aos meus irmãos), em dias intercalados eu “me entregava” aos prazeres do diabo. Descobri que ele comia os mais velhos nos dias pares e os mais novos, como eu, nos dias ímpares. Como o Senhor que criou esse mundo, o diabo que veste prata descansava no sétimo dia da sua Fodeção.

Vozes sucumbidas pela dor e pelo desespero. O desamparo era a palavra de ordem dentro daquele recinto onde se cometiam os verdadeiros pecados originais. Oh, Andie, agora descansando aqui no meu quarto, vendo as lágrimas dos anjos borrifando a janela, fico imaginando quantos jovens como eu não estão sofrendo os verdadeiros abusos nesse exato instante?

Quantos gays como eu não se encontram totalmente perdidos diante das atitudes cretinas de seres que se julgam acima do Bem e do Mal, manipulando o verdadeiro teor das Escrituras, deturpando o real valor da Palavra ao seu bel prazer, incutindo nos infelizes mensagens fascistas que confundem seus corações, aniquilam seus livre-arbítrios, causando feridas profundas em suas almas abandonadas?

Eu tenho a vantagem de ter sentido as delícias do Amor, Andie, do verdadeiro amor descoberto ao seu lado. Eu amei, Andie. E eles? Foram amados por alguém? Tiveram a chance mágica de viver um único momento de felicidade ao lado de alguém especial?

O diabo usou meu corpo como quis, Andie, mas ele jamais teve acesso à chave dos meus mais profundos sentimentos, meu amado. Jamais!

Fui drogado, fui manipulado, fui usado de todas as maneiras indescritíveis mesmo por frases esculpidas pelo melhor dos literatos.

O diabo que veste prata, Andie, e lê a bíblia, encontrou um oponente à sua altura. Entrei no jogo, Andie. Aceitei o desafio. Suportei toda dor. Na décima quinta-feira, fui agraciado com a liberdade.

Voltei para o seio da minha família. Sorridente, renovado, exalando para os ignorantes dos meus pais cegos o filho ideal que eles sonhavam ter, no íntimo eu endureci, Andie, mas não deixei o ódio tomar conta dos meus sentidos. Perdoar, Andie, esse era o grande ensinamento do Senhor. Amar sem distinção, Andie, essa é a maior das lições.

O Egoísmo é o cancro da humanidade.

Agora caminho a passos largos, Andie. Enfrento de peito aberto e cabeça erguida o meu destino. Jogo com o tempo, Andie, dedicando-me com afinco aos meus estudos, trabalhando com gana de vitória na conquista do meu próprio dinheiro, afim de alcançar minha total liberdade daqui a dois anos.

18, Andie, guarde esse número mágico. Assim que eu completar dezoito anos, meu amor, darei o meu grito de independência. Não sei se vou conseguir reencontrar você em alguma das quebradas da vida, mas vou lutar para ter novamente aquilo que me é de direito: o direito de amar quem eu quiser, o direito de ousar dizer o nome do meu amor pelo meu igual.

Vejo em meu mundo interior o seu sorriso que abranda minha dor eterna. A saudade sufocante trava minha garganta seca e mais uma vez aqui em meu quarto, aguardando um novo dia, forço-me a recordar o momento exato em que nos conhecemos. Eu não quero esquecer o primeiro dia mais feliz da minha vida.

* * *

"O Diabo veste prata..." foi escrito em um dia, em 11 de novembro de 2007

Colabore com melhor site de literatura gay do brasil!

Se você curtiu muito o texto que acabou de ler e quiser colaborar financeiramente apoiando meu trabalho, seria um ato muito bacana de sua parte. Hoje, vivo exclusivamente daquilo que escrevo.

MAS, ANTES DE COLABORAR, POR FAVOR LEIA ISSO:

Todo os artigos, contos e livros digitais (*e-books*) contidos em meu site são de **minha autoria** e estão disponíveis de maneira **TOTALMENTE GRATUITA**. No entanto, se você quiser **CONTRIBUIR ESPONTANEAMENTE** para a continuidade da produção literária exposta em moasipriano.com, poderá depositar **R\$ 5,00** (ou o valor que você achar justo) na seguinte conta-poupança:

Caixa Econômica Federal (CEF)

Agência: 2209

Conta Poupança:

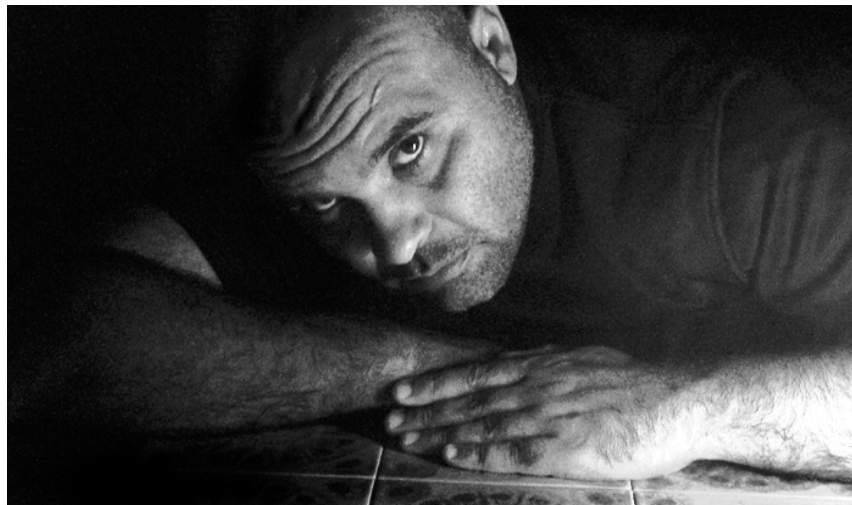
34097-2

OBS: Qualquer tipo de ajuda será bem-vinda e, antes de tudo, vista como um **SINAL DE GRATIDÃO E RECONHECIMENTO À PROPOSTA DESSE PROJETO**. Por favor, jamais se sinta forçado a nada. E muito obrigado, de coração, por ser meu fã, me apoiar e curtir o meu projeto literário!

www.moasipriano.com

O AUTOR :: MOA SIPRIANO

Nasci no dia 13 de junho de 1968, em Jundiaí, uma próspera cidade do interior de São Paulo. Minha mãe é uma guerreira. Tenho duas irmãs fantásticas, dois cunhados bacanas, duas sobrinhas fofas, algumas primas idolatradas e uma tia que é fora-de-série. Ah, também tenho um pai... ausente.



Comecei a escrever roteiros, poesias, letras de músicas e outras bobagens aos 12 anos. Eu vivia anotando meus sonhos e minhas verdades em papéis soltos que foram se perdendo pelo caminho. Sempre escrevi histórias que de alguma maneira retratavam a homossexualidade masculina.

Em 1988, após uma experiência pessoal “abalante”, resolvi desabafar através de uma autoterapia forçada, escrevendo em uma madrugada **“Uma carta para Hans”**. Foi o primeiro conto.

Em 2004, ao criar a primeira versão do meu site oficial, fiquei totalmente surpreso com a polêmica, os comentários inflamados e a repercussão positiva junto aos leitores ao publicar meus primeiros artigos na Internet: **Deus x Gays, Afeminado? Tô fora e Você é Ativo ou Passivo**; além da série **Poltrona 47** (cinco contos que retratam as experiências sexuais de um rapaz dentro de um ônibus) e o conto **Filipe** ou **Treze homens e um destino** (história que retrata de uma maneira polêmica as atitudes de um rapaz que ao saber que pode estar contaminado com o vírus da AIDS, num momento de revolta e irresponsabilidade total resolve se vingar e transar com treze homens em um único dia).

Foi este incentivo que me levou a apostar no meu tipo de literatura. Desde então, nunca mais parei de escrever, procurando aprender e evoluir a cada dia como um bom contador de histórias gays.

Em 2005, por causa do sucesso do conto Filipe, busquei inspiração para desenvolver o projeto **30 dias – Diário das experiências sexuais de Jäger**. A história de Jäger foi realmente escrita em tempo real, conforme as datas descritas no diário do personagem. Foi um desafio enorme escrever trinta capítulos em exatos trinta dias e postar um capítulo diário, em formato de blog, em meu site. E mesmo não tendo divulgado devidamente este projeto, a repercussão foi muito promissora. 2007 foi o ano em que acabei me tornando um pioneiro na divulgação e distribuição no Brasil de livros digitais gratuitos contendo literatura gay de qualidade.

Hoje, após mais de 120 mil *downloads* no Brasil de todos os meus títulos publicados via Internet e por causa do apoio e incentivo dos meus leitores e fãs é que continuo me esforçando na produção constante e divulgação permanente de uma literatura “gay” de excelente entretenimento.



Creative Commons License Deed

Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma Licença 2.5 Brasil

Você pode:

copiar, distribuir, exibir e executar a obra



criar obras derivadas

Sob as seguintes condições:

Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.
- Nothing in this license impairs or restricts the author's moral rights.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use") concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados pelo disposto acima.

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/>